

Iniciativa



Em A opinião de..., José Víctor Orón Semper¹ nos fala sobre termos e mentalidades:

Iniciativa

Original: educacion.press/2017/07/28/terminos-y-mentalidades-iniciativa/

O autor nos fala sobre o significado da iniciativa e quão importante é que as crianças, desde bem pequenas, saibam consolidar seus objetivos, o que as livrará de um comportamento errante e sentimentos de culpa.

Erikson assinalou que, quando estamos entre os três e os seis anos, vivemos o desafio da iniciativa. Se a criança supera satisfatoriamente este desafio e apresenta um comportamento com iniciativa, **então será uma criança que sabe estabelecer objetivos**. Se ao contrário, não resolve satisfatoriamente o desafio, não é que passe a ser apenas uma pessoa de comportamento errante, mas também apresentará um

¹ Doutor em Educação (Universidade de Navarra). Mestre em Neurociência e Cognição (UNAV) e em Bioética (Fundação Jerónimo Legeume). Membro do Grupo Mente-Cérebro (UNAV). Licenciado em Estudos Eclesiásticos (Facultad de Teología San Vicente Ferrer). Engenheiro de Vias, Portos e Caminhos (Universidad Politécnica de Valencia). Professor do ensino fundamental e médio e sacerdote escolápio. Autor do Programa de Educação Emocional UpToYou.

sentimento de culpa que lhe marcarão constitutivamente. Ou seja, pensará que está realizando algo mau e ele/ela é o/a responsável disso.

Esta conclusão de Erikson faz que nos perguntemos: O que é a iniciativa? Aparentemente, a iniciativa parece ser **o desejo de querer fazer algo onde a pessoa se orienta até um objeto concreto**. O que isso tem a ver com a culpa? Por que Erikson assinala que a constituição negativa daquele que não alcança a iniciativa é a culpa e não a indiferença, a agressividade, a apatia, o conformismo ou outras coisas? O que é a culpa?

Primeiro vejamos **qual é a diferença entre a iniciativa e a autonomia**. Na autonomia a atividade desenvolvida tem a ver com o que os outros fazem com a criança. A criança, a vestem, lhe dão de comer, etc. E a criança quer desenvolver sua agência sobre este tipo de ação. Ações onde a criança se descobre agente passivo, pois é vestido, alimentado... E a criança quer o que os outros querem com ela. Em contrapartida, na iniciativa existe um passo adiante. A criança vê que o papai ou a mamãe fazem coisas: limpam, cozinham, arrumam a casa, empurram o carrinho de compras, etc. Na iniciativa, a criança desenvolve sua agência sobre uma ação que passivamente nunca recebeu, mas que viu seus pais realizá-las sobre diversos objetos. A criança quer o que vê que os maiores querem fazer. A criança descobre que os pais têm certos propósitos e a criança assume seus propósitos. Querer fazer o mesmo que os pais é mais que realizar determinadas ações concretas, se trata **do desejo de ser como os pais**. A criança que se sente querida, compreendida, acolhida e potenciada por seus pais, tem um movimento muito natural: quer ser como seus pais. Porém, para a criança, ser e fazer não estão dissociados, por isso quer fazer o mesmo que o que fazem os pais. Tem iniciativa porque quer fazer algo que ninguém lhe pediu.

Imaginemos que a criança vê o pai picando cebola para cozinhar. A criança se aproxima e lhe diz: "Eu quero fazer também!". Se o pai diz: "Não, pois você vai se cortar, tenho pressa, ... vá para o seu quarto ". O pai ignora que quando a criança lhe diz que também quer cortar cebola, o que está pedindo é porque quer estar com ele, quer ser como ele. Para a criança não importa a cebola, e sim o seu pai. Parece óbvio, não? E com a resposta do pai, o que a criança entende é que o pai o rejeita. A criança se pergunta "porque meu pai me rejeita? Será que eu pedi algo mau? Fiz algo ruim?" Estas perguntas, a criança as responderá positivamente. Ou seja, "fiz algo errado" e por isso surge o sentimento de culpa.

Algum leitor pode pensar que a criança não interpreta assim a situação, **que se dizemos não para alguma coisa, lhe dizemos que não ao fato, e não à pessoa.** Pensar assim é projetar o estilo cognitivo do adulto à criança. Uma criança tem seu estilo cognitivo próprio. A criança compreende tudo em chave pessoal. O adulto pode entender de forma objetiva e, portanto, diferencia entre o fato que lhe digam não a uma proposta do fato que rejeitem (digam que não) a sua pessoa. Não obstante, o ser humano, tanto criança ou adulto, funciona sempre pessoalmente, não técnica ou objetivamente. Por isso, um adulto pode comportar-se objetivamente em um momento concreto, mas se no trabalho rejeitam sua proposta, não pensará que rejeitam sua pessoa. Porém, se isto não é uma questão pontual, senão o estilo de vida da pessoa em todos os âmbitos de sua vida, o adulto também acabará trasladando a rejeição ao nível pessoal.

Porém, a criança ainda não é capaz de estabelecer a diferença **entre rejeição da pessoa e rejeição de uma ação concreta.** Isto certamente desperta muitas perguntas no leitor: Então, o que eu fiz ao meu filho? E, o que ocorre quando corrijo o meu filho? Na correção, ele está interpretando que não quero este comportamento ou que não gosto dele?

Vamos por partes. Em primeiro lugar destacaríamos que o que educa não são atos pontuais, e sim estilos de vida. Uma coisa é que em um momento concreto você diga à criança que não vai cortar a cebola e outra coisa é que, o estilo de vida, seja que se diga não às diversas iniciativas da criança, reiteradamente. Se sistematicamente se corta a iniciativa da criança, é quando surgirá a culpa. O que é sistematicamente? Onde está o limite? Não se sabe, depende de muitas coisas, mas existe. Por isso interessa que os pais se perguntem: como acolho as iniciativas dos meus filhos? A criança que sente sua iniciativa sistematicamente rejeitada é a que **desenvolverá o sentimento de culpa.** Este sentimento poderá expressar-se de muitas formas distintas: talvez como inapetência, ou talvez como agressividade, ou de mil formas mais.

E, o que acontece com a correção? A correção merece um tratamento à parte para vê-la com mais detalhe, mas adiantamos que na correção, para que seja educativa, a criança tem que sentir que as relações pessoais estão a salvo e existem formas para conseguir que seja assim. Veremos isso.

A conclusão deste artigo é simples: **não esqueça que seu filho/a é pessoa em todo momento.** A criança se relaciona pessoalmente com você, não prática, técnica ou objetivamente. Acolha-o como pessoa, em toda a sua complexidade. A criança que



é acolhida pessoalmente saberá comportar-se praticamente. Mas a criança que é tratada praticamente, nem crescerá pessoalmente, nem saberá ser prático, senão que adquirirá uma constituição de culpa e de rejeição pessoal. A criança acolhida pessoalmente saberá projetar-se em objetivos concretos. Desde o menor, nunca se alcança o maior, nem sequer se consegue o menor. Desde o maior se alcança todas as dimensões humanas e o menor brilha em todo o seu esplendor. No artigo anterior, ao falar de significado, vimos que o macaco se comporta tecnicamente, mas a pessoa o faz pessoalmente; portanto, trate o seu filho como uma pessoa. Vale a pena.